

A Aia, de Eça de Queirós, quase um conto de fadas*

“A Aia”, de Eça de Queirós, casi un cuento de hadas

Jéssica Loirane Natividade

Aluna do 7º período do curso de Letras (Licenciatura em Língua Portuguesa e Língua Espanhola) do IF Sudeste MG, Campus São João del-Rei.
E-mail: jessicaloirane2011@hotmail.com

Débora Tatiane Resende Silva

Aluna do 7º período do curso de Letras (Licenciatura em Língua Portuguesa e Língua Espanhola) do IF Sudeste MG, Campus São João del-Rei.
E-mail: deboratatiresende22@hotmail.com

Resumo: O presente artigo fará uma reflexão sobre as características dos contos de fadas, que aparecem no conto A Aia do romancista português Eça de Queirós. Esta pesquisa partirá, inicialmente, da síntese do conto queirosiano para, depois, adentrar no trabalho de descrever as características convergentes e divergentes entre as duas narrativas: o conto de Eça de Queirós e os tradicionais contos de fadas. Far-se-á também uma enumeração de alguns aspectos sobre o que são e como se estruturam ambas as narrativas abordadas. Busca-se, com este artigo, demonstrar que um gênero textual pode mesclar-se com outro, como é o caso aqui relatado.

Palavras-chave: Contos de Fadas. Eça de Queirós. *A Aia*.

Resumen: El presente artículo hará una reflexión sobre las características de los cuentos de hadas, que aparecen en el cuento “A Aia” del novelista portugués Eça de Queirós. Esta investigación partirá inicialmente de la síntesis del cuento queirosiano para después adentrar en el trabajo de describir las características convergentes y divergentes entre las dos narrativas: el cuento de Eça de Queirós y los tradicionales cuentos de hadas. Se hará también una enumeración de algunos aspectos sobre lo que son y cómo se estructuran ambas narrativas abordadas. Se busca con este artículo demostrarse que un género textual puede mezclarse con otro, como es lo caso acá relatado.

Palabras-clave: Cuentos de Hadas. Eça de Queirós. “A Aia”.

1 Introdução

As obras do escritor Eça de Queirós, de acordo com Oliveira (2014), são bastante conhecidas, principalmente por fazerem críticas sociais, como aos burgueses, às demais classes, aos governantes, às instituições. Essas mesmas obras, de acordo com o autor, são caracterizadas pela abordagem e pelo conhecimento dos vícios burgueses, por meio do materialismo, do adultério, da hipocrisia da sociedade, ou seja, por meio das falhas morais do homem português no final do século XIX.

* Professora Orientadora: Ozana Aparecida do Sacramento.

Essas críticas estão presentes não apenas nos romances, mas também nos contos. Um, em especial, no nosso caso de estudo, é o conto *A Aia*, escolhido aqui para uma reflexão. Nesse conto, segundo Oliveira (2014), observamos que Eça de Queirós utiliza do aspecto moralizante das fábulas para criar um contraexemplo, criticando, assim, ideias como a submissão e as crenças de povos orientais.

Segundo Pontes (2005, p. 47), Eça de Queirós era um “homem voltado à vida prática, refletindo mais concretamente acerca da realidade política de seu tempo. Contudo, seu pensamento se mantém nos estritos limites ideológicos do socialismo proudhoniano”. Desse modo, conforme o autor, tanto o Romantismo como o Realismo, respectivamente, representam “a fuga do real para o passado, o bizarro, o grotesco, o maravilhoso, o excêntrico, o singular e a crítica social epidérmica, consentida pelas esferas oficiais, ainda que em certos momentos a intransigência política chegue a impedir eventos nitidamente burgueses [...]” (p. 49).

Assim, o Realismo Português, conforme Siqueira ([s.d.], p. 142), teve as seguintes características:

a reação ao Romantismo (que passara a ser uma literatura convencional e conservadora), rejeitando qualquer tipo de sentimentalismo ou de devaneios exacerbados da imaginação; objetividade em contraposição ao subjetivismo do Romantismo; a utilização de métodos racionalistas típicos da filosofia empirista e da ciência e a elaboração de uma crítica precisa à sociedade burguesa, mostrando com fidelidade suas mazelas e injustiças (proposta tipicamente revolucionária).

Logo, o objetivo deste artigo se embasa no aspecto moralizante e em algumas características do Realismo Português, pois, em um primeiro momento, relataremos resumidamente o conto, em seguida, faremos uma comparação do conto com os contos de fadas, observando não somente as convergências e divergências que ambos possam apresentar, mas também algumas características específicas de cada narrativa mencionada neste artigo.

2 O conto “A Aia”

O conto *A Aia*, juntamente com mais 12 narrativas, pertence ao livro *Contos*, que foi publicado em 1902. A narrativa se inicia com uma frase que está presente na maioria dos contos de fadas: “era uma vez...”, construção típica dessa narrativa infantil. Neste, relata-se a história de um rei que morre ao sair para a batalha, deixando a rainha totalmente desprotegida no castelo com um filho recém-nascido, herdeiro legítimo do trono. Essa expressão estabelece um distanciamento tanto geográfico quanto temporal na história. Isso nos faz remeter imediatamente para o fantástico ou para o fantasioso. É como se um “pacto” tivesse sido estabelecido entre o autor e o leitor, no qual todas as partes já sabem que dali em diante vem uma história de fantasia, ou seja, do maravilhoso.

Nessa batalha, o rei morre e seu irmão, quem muito o inveja, tenta não somente sequestrar a criança, mas também matá-la para, assim, definitivamente, assumir o

trono. Esse momento acontece durante a noite, quando homens começam a atacar o castelo, porém a ama de leite do príncipe, a aia, “presente” que algo estranho estava acontecendo. Para a segurança do príncipe, ela o retirou do seu confortável e belíssimo berço de marfim e o colocou no berço de verga, que era do escravozinho, seu filho, havendo, assim, a troca dos bebês. Nesse momento, um homem enorme, com uma capa preta, entrou no quarto e foi em direção ao berço de marfim, levando e matando a criança que ali estava.

Os guardas conseguiram matar o inimigo, e a rainha, naquele momento de dor e de desespero, descobriu que quem estava morto não era seu filho, mas sim o filho de sua serva. Desse modo, a aia mostrou todo seu respeito e sua lealdade perante seus amos, e a rainha, como forma de pagamento e gratidão, a levou para uma sala repleta de ouro para que ela escolhesse sua recompensa. A serva, diante de todo o ouro que ali estava, decidiu por escolher um punhal cravejado de esmeraldas e, em seguida, o cravou em seu dolorido e humilde peito, dizendo que agora deveria amamentar seu filho, uma vez que o príncipe estava a salvo.

De acordo com Oliveira (2014), o conto é uma narrativa de menor extensão, se o compararmos com um romance ou uma novela, e apresenta também uma estrutura própria. Nele, notamos que tudo se apresenta de uma maneira mais rápida, objetiva, sem muitos detalhes e, principalmente, contém apenas uma estrutura dramática.

Os contos de fadas, por outro lado, também apresentam uma escrita simples, e, de certa forma, suas histórias são pequenas em relação à extensão. Para Bettelheim (2016, p. 22), “a maioria dos contos de fadas se originou em períodos em que a religião era uma parte importante da vida, [...] assim, eles lidam, diretamente ou por interferência, com temas religiosos”. Ainda, conforme o autor, os contos de fadas “não pretendem descrever o mundo real tal como ele é, e nem dar conselhos sobre o que alguém deva fazer”, e o conteúdo abordado neles, normalmente, “não tem nada a ver com a vida exterior do paciente, mas muito a ver com seus problemas interiores, que parecem incompreensíveis e, portanto insolúveis” (p. 36). Assim, os contos de fadas, em termos de conteúdo, lidam com questões de ordem moral e/ou psicológica dos seres humanos.

Farias (2012, p. 3) nos apresenta, de forma resumida, as especificidades da maioria dos contos de fadas:

a ação é lenta, mas mantém-se um fator vital em alto grau, o que vai acontecer a seguir. Há uma grande ênfase nas qualidades morais do herói ou da heroína. Os bons são valentes, pacientes, gentis, generosos e belos. Os maus são destrutivos, feios, terríveis e a justiça realiza-se de maneira satisfatória. Bruxas e dragões, ogros e gigantes são mortos ou postos em fuga, o príncipe casa com a princesa e vivem juntos e felizes para sempre.

Começamos nossa reflexão e comparação com os contos de fadas a partir da frase inicial, “era uma vez...”. De acordo com Oliveira (2014, p. 4),

o conto é apresentado por um narrador-testemunha que nos leva ao mundo literário das fábulas ‘Era uma vez um rei, moço e valente, senhor de um reino abundante [...]’, com um clímax surpreendente onde podemos observar a crítica

de Eça à servidão presente nessa obra e com um desfecho já anunciado, pois a protagonista nos é apresentada no quinto parágrafo como ‘a leal escrava’ e [...] por ser leal ela sacrifica o filho e por acreditar em vida após a morte ela se mata para encontrá-lo.

Observamos, nessa citação, a semelhança que o conto de Eça de Queirós tem, logo pela frase inicial, com os contos de fadas. Para Brown (2006, p. 41), essa frase inicial é uma “expressão que imediatamente nos remete ao mundo atemporal da fantasia, dos cochichos e dos sussurros, ao mundo do ‘faz de conta’”. Porém, esse autor (p. 41) questiona, ainda, que “vez” era essa e diz que

era a vez de rainhas, castelos, servos... Vez, certamente, de uma época longínqua da Idade Média, não definida cronologicamente, como convém aos contos de fadas. Eça de Queirós que foi um grande consumidor daquilo que a História, os ícones, as lendas, os mitos culturais produziram, homem do seu tempo, no conto ‘A Aia’, buscou como pano de fundo para a sua história um indeterminado ponto da História, na Idade Média, que se estende por quase dez séculos, evidenciando contrastes de concepções de vida.

Ainda é relatada, na citação de Oliveira (2014), a lealdade da serva e ama de leite do príncipe à rainha, perante o ato de tirar a vida de seu próprio filho para salvar a vida do futuro rei. Desse modo e de acordo com o autor, a narrativa, no decorrer da história, relata uma aceitação e, até mesmo, uma felicidade em ser servo, sempre o caracterizando de forma fiel e leal. Essa devoção à servidão chega ao auge quando a aia sacrifica o seu filho, transformando o amor de mãe em secundário para que a submissão à rainha e ao reino prevaleça ainda maior.

Portanto, a felicidade parece ser reservada aos nobres, ou seja, aos de classe alta. Quem vai viver e ser feliz para sempre é o príncipe, e não o menino escravo. Parece também que a instituição (ou público) prevalece sobre a pessoa (o privado/individual), a escrava preserva o príncipe e a instituição que ele encarna, no caso, o reino, isso nos remete a uma crítica social por meio dos questionamentos que emergem.

Outra semelhança que podemos traçar entre as duas narrativas é em relação ao fato de tanto os personagens do conto quanto a maioria dos contos de fadas não apresentarem nomes. Sobre isso, Bettelhim (2016, p. 58) diz que

os protagonistas dos contos de fadas são identificados como ‘uma menina’, por exemplo, ou ‘o irmão mais novo’. Se aparecem nomes, fica bem claro que não são nomes próprios, mas nomes genéricos ou descritivos. [...] Isso é ainda frisado pelo fato de que as histórias de fadas ninguém mais tem nome; os pais das personagens principais se mantêm anônimos. São identificados como ‘pai’, ‘mãe’, ‘madrasta’[...]. Se são ‘um rei’ e ‘uma rainha’, estes são tênues disfarces para pai e mãe, assim como são o ‘príncipe’ e ‘princesa’, para menino e menina.

Por essa citação, percebemos que o mesmo ocorre no conto de Eça de Queirós, pois nenhuma personagem apresenta um nome e, ainda completando, Brown (2006) diz que essa ausência de nomeação das personagens tanto principal quanto secundária

vem indicar que nenhuma delas interessa enquanto pessoa, o que importaria seria sua função social. Isso reforça a crítica social de Eça. Em seus contos, destacam-se as funções sociais, a rainha sendo a mãe do povo, uma governante generosa. Percebemos isso pelo presente que ela dá para a aia; pelo príncipe como um futuro governante; pela aia cuidadora, serva leal, protetora do trono. E o filho da aia que, assim como todo súdito do reino, não é proprietário de si mesmo e tem como função social o serviço à coroa, morre no lugar do príncipe. Nesse caso, a função de mãe da aia fica em segundo plano. Ela é, antes de tudo, uma serva do trono do reino. É o público ou o social posto acima do individual, do privado. A riqueza, o tesouro, é também outro ponto em comum. Em muitos contos de fada, o rei/a rainha oferece riquezas a alguém devido aos seus feitos heroicos, como foi o caso da aia, ou, em outros contos de fadas, os protagonistas são os que encontram as riquezas e/ou os tesouros.

Passemos agora para as divergências que separam o conto de Eça dos contos de fadas. Como já foi dito, o conto tem uma linguagem simples, objetiva, e uma estrutura própria. Os contos de fadas também apresentam uma escrita simples e suas histórias, em geral, são pequenas. De acordo com Ressurreição (2005, p. 24), nesse gênero, podemos

encontrar o modelo básico de qualquer narrativa literária, em toda narrativa literária existem episódios, ou seja, situações de equilíbrio e desequilíbrio, que se modificam, provocando a passagem de uma situação a outra. É nessa cadeia de episódios que se situam os conflitos e as soluções aos problemas que tanto nos prendem a atenção. A diferença é que, nos contos de fadas, a transformação é provocada pela intervenção uma ação mágica. Assim, os seres mágicos são tão importantes para o desenvolvimento da história quanto para o comportamento do herói.

Percebemos, então, que ambas as narrativas apresentam um conflito, porém, nos contos de fadas, esse conflito é resolvido por uma ação mágica, o que os diferencia do conto queirosiano, pois notamos que, nele, não aconteceu nenhuma intervenção desse tipo. Em nenhum momento da narrativa o autor descreveu um ser mágico que salvasse a vida do príncipe. Em contrapartida, quem salvou a vida desse pequeno, inocente menino e único herdeiro do trono, foi uma serva e ama de leite, ou seja, uma mulher negra sem poderes algum. Apesar dessa ausência de magia, ela mostrou sua inteligência e seu expediente o suficiente para traçar um plano que salvasse a vida do príncipe.

É interessante observarmos também que, no conto, é a aia, ama de leite, que desempenha um papel como uma substituta da mãe, a rainha. É ela que amamenta, alimenta e cuida da criança. Nessa parte do conto ou na maior parte dele, observamos que o príncipe passava a maior parte do tempo sobre os cuidados da aia. A partir disso, podemos sugerir que essa aproximação seria, na verdade, uma ligação que estava além da simples função de serviçal. A aia amava o príncipe como se fosse seu filho e isso também demonstrou sua preocupação em salvá-lo. Em geral, nos contos de fadas, os atos heroicos são também compensados com a elevação do nível social, quando o personagem pobre que se casa com o príncipe ou princesa. Isso não acontece

no conto *A Aia*, o que demonstra certa imutabilidade do lugar social das pessoas que era bastante corrente na sociedade portuguesa da época de Eça de Queirós.

No decorrer de toda a história, verificamos que a rainha era a personagem que tinha mais poder e instrução. Porém, não é ela quem salva o príncipe, e sim sua serva, uma ama de leite que não tinha nenhum poder, mas que traçou um plano inteligente, salvando não somente a vida do príncipe, mas também o reinado. Após esse ato heroico, podemos dizer que a aia possuía outros atributos além da lealdade.

Passamos para outra diferença encontrada nas duas narrativas. Nos contos de fadas que conhecemos, como *Branca de Neve*, *A Cinderela*, *Chapeuzinho Vermelho*, entre outros, não encontramos a descrição de uma personagem negra. No conto de Eça de Queiros, é justamente uma mulher negra que salvou a vida do futuro príncipe, ou seja, ela, nesse momento heroico, se torna a heroína. Podemos dizer que Eça inovou, querendo chamar a atenção do leitor ao colocar uma personagem negra em pleno século XIX, já que a pessoa negra nesse século era muito inferiorizada. Embora a presença de uma personagem negra possa indicar um avanço na representação das etnias, essa personagem encontra-se numa posição social inferior.

Porém, esse ato heroico da serva não durou por muito tempo. Ao entrar na sala de ouro e escolher um punhal como recompensa, a escrava o crava em seu peito e ali mesmo morre. Esse “poderia” ser o final trágico do conto de Eça de Queirós, outro ponto que se diferencia dos contos de fadas, pois, na maioria deles, estamos acostumados com outra famosa frase: “... e viveram felizes para sempre”.

Apesar de o conto de Eça não apresentar um final feliz, podemos pensar que o amor materno falou mais alto, pois a aia estava sofrendo bastante com a perda de seu filho, tanto é que acabou se matando. É plausível supor que, a partir desse momento, ela não teria mais uma função ou serventia, uma vez que já havia cumprido a função ou missão de salvar o príncipe.

Em contrapartida, pode-se dizer que viveram sim felizes para sempre lá no céu. Aia, ao lado de seu filho, do rei e de seu cavalo de batalha, e seus pajens que, após a morte, subiram todos prontamente para o céu, assim como todos aqueles que viessem a morrer, pois Aia, segundo uma passagem do conto, “[...] pertencia, porém, a uma raça que acredita que a vida da terra se continua no Céu [...]” (QUEIRÓS, 2002, p. 26). No entanto, podemos dizer que, para ela, a morte foi somente o recomeço de uma nova vida que se reinaria para além da terra nas alturas. Há que se observar aqui, que a religião serve de consolo para as mazelas terrenas, “ir para o céu” seria a compensação possível aos de classes subalternas que assim ficariam passivas diante dos arbítrios dos poderosos. Esse “uso” da religião é bastante criticado durante o Realismo.

Refletindo um pouco sobre a famosa frase “... e viveram felizes para sempre” que está presente na maioria dos contos de fadas, podemos pensar que, num primeiro momento, ela expressaria a derrota do mal e que o bem prosperou. Na maioria dessas narrativas fantasiosas, há um casal que consegue superar todos os obstáculos, para, no final, se reencontrar e viver feliz até a eternidade. No conto de Eça, essa frase final característica dos contos de fadas não expressa a mesma mensagem. Quando a mãe e o filho morrem, notamos que são eles que vão viver felizes para sempre, pois, possivelmente, irão se encontrar no céu.

Por outro lado, das vidas da rainha e do príncipe não se pode dizer o mesmo. Ambos continuam sendo os mesmos personagens do início do conto, exercendo suas funções sociais. Talvez esse final trágico da narrativa não se refira à aia, mas sim à rainha e seu filho que continuarão vivos e terão que reinar e enfrentar possíveis “guerras e/ou batalhas”. Para a aia, a morte foi a maneira de a personagem encerrar sua missão e descansar em paz ao lado de seu filho.

No conto de Eça, percebemos que uma ama de leite negra, para salvar a vida do único herdeiro ao trono do reino, tira a vida de seu filho. Para muitos, isso seria considerado um absurdo, outros poderiam considerar um ato heroico. Após salvar a vida do príncipe e escolher um punhal como recompensa, parece que a aia começa a enlouquecer, pois logo no final ela disse que ouvia o choro de seu filho e que precisava amamentá-lo. É nessa parte que podemos notar talvez o “desespero” de uma mãe ao perder seu único filho e sua necessidade de estar ao lado dele no céu.

Encontramos, no conto, uma parte que retrata absolutamente essa crença de que possa existir vida após a morte, pois a aia nasceu

naquela casa real, ela tinha a paixão, a religião dos seus senhores. Nenhum pranto correria mais sentidamente do que o seu pelo rei morto à beira do grande rio. Pertencia, porém, a uma raça que acredita que a vida da terra se continua no céu. O rei seu amo, decerto, já estaria agora reinando em outro reino, para além das nuvens, abundante também em searas e cidades. O seu cavalo de batalha, as suas armas, os seus pajens tinham subido com ele às alturas. Os seus vassalhos, que fossem morrendo, prontamente iriam, nesse reino celeste, retomar em torno dele a sua vassalagem. E ela, um dia, por seu turno, remontaria num raio de lua a habitar o palácio do seu senhor, e a fiar de novo o linho das suas túnicas, e a acender de novo a caçoleta dos seus perfumes; seria no céu como fora na terra, e feliz na sua servidão (QUEIROS, 2002, p. 26).

Notamos, então, que ela acreditava que depois da morte iria se encontrar não apenas com o rei que havia morrido na batalha, mas também com os outros vassalhos que morreram por outros motivos e, principalmente, com seu filho amado. Podemos notar, a partir dessa passagem do conto, que a mesma ordem social da terra permaneceu no céu. O céu seria uma reprodução da terra em sua ordem social. Observamos como a aia não questionou sua posição social, pois, a partir desse momento, ela está feliz, uma vez que, para ela, o céu era igual a terra, morrer seria uma forma de ser feliz ao lado do filho.

Desse modo, percebemos que, por mais que ambas as narrativas sejam semelhantes, elas apresentam algumas diferenças em alguns momentos. O autor realista se apropria de alguns elementos dos contos de fadas para construir uma narrativa em que a rígida divisão de classes permanece inalterada, apesar dos atos heroicos, até mesmo na outra vida.

3 Considerações finais

Com esse artigo, observamos que o conto *A Aia* apresenta algumas características semelhantes e outras divergentes quando o comparamos com os contos de fadas, os quais estamos acostumados desde criança a ouvir e a ler.

Nesse conto, Eça de Queirós quis dar uma ênfase maior na questão do sacrifício de uma escrava que, por lealdade e servidão, oferece a sua vida e a de seu filho para salvar a vida do futuro herdeiro do trono, visto que o rei havia morrido e a rainha ainda estava muito debilitada, não suportaria a perda também de seu filho e de todo o reinado. Para além de sua fervorosa servidão ao rei e a todo o reinado, a serva negra também demonstrou muito respeito e fidelidade à rainha num ato honroso, generoso e bondoso no que toca ao amor de mãe.

Porém, o grande foco desse conto foi abordar e expor a crítica à sociedade do século XIX, relatando a realidade tal como ela se apresentava, ou seja, a escravidão e a inferioridade do negro perante a sociedade daquela época. Outro aspecto que nos chamou bastante a atenção foi atribuir a uma personagem negra o papel de protagonista em pleno século XIX. Eça inovou, contudo essa ascensão da aia negra ao protagonismo só acentua as diferenças de classe.

Apesar de ser um conto muito parecido com os contos de fadas, o que verifica aqui é um ser negro e escravo que, por amor e fidelidade, torna-se, de certa forma, um herói, mas não de forma mágica, esplêndida e desprovida do “viveram felizes para sempre” ao final. O desfecho, ou seja, a possibilidade de uma vida no céu, deixa em aberto o que poderia ser um final feliz para essa história. Elencamos, então, duas possíveis hipóteses: a escrava no céu amamentando seu filho e/ou a rainha no seu reino junto com seu herdeiro.

Entretanto, o que resulta dessa apropriação de alguns elementos dos contos de fadas por Eça de Queirós é a denúncia do valor que a pessoa tem em virtude de sua posição ou função social.

Referências

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. 32. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

BROWN, Sonia Mara Ruiz. *Um olhar sobre as serviçais domésticas na literatura portuguesa*. 2006. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8150/tde-24082007-151843/en.php>>. Acesso em: 19 mar. 2017.

FARIAS, Franci Rennia Aguiar de. *Literatura Infantil: a contribuição dos contos de fadas para a construção do imaginário infantil*. Disponível em: <<http://www.facsao Roque.br/novo/publicacoes/pdf/v3-n1-2012/Francy.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2016.

OLIVEIRA, Agatha Dias Monteiro. *Análise do conto A aia de Eça de Queiroz*. Disponível em: <<https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&q=An%C3%A1lise+do+conto+A+aia+de+E%C3%A7a+de+Queiroz+++++Agatha+Dias+Monteiro+Oliveira&btnG=&lr=>>>. Acesso em: 19 mar. 2017.

PONTES, Roberto. *Realismo de 70 e Neo-Realismo Português*. Disponível em: <<http://www.revistadeletras.ufc.br/r127Art08.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2017.

SIQUEIRA, José Carlos. *O Realismo: 1865-1890*. Disponível em: <<http://www.gopem.com.br/apostilas/literatura/20.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2017.

QUEIRÓS, Eça. *A Aia*. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ph000002.pdf>>. Acesso em: 29 out. 2016.

RESSURREIÇÃO, Juliana Boeira da. *A importância dos contos de fadas no desenvolvimento da imaginação*. Disponível em: <<http://www.facos.edu.br/old/galeria/129102010020851.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2016.